

Projeto de Vida do Estudante: a escolha da carreira alinhada a trajetória pessoal, autoconhecimento e o contexto sócio-histórico

Fernanda Vaz Hartmann
Júlia Schardosim Reck
Karoline de Mattos Filippi

Resumo: A escolha profissional tem sido foco de análise há muitos anos, mais precisamente, desde que se percebeu que o trabalho é uma das bases da identidade do indivíduo. A escolha de uma profissão se inicia, justamente, na etapa da adolescência quando o indivíduo experimenta a chamada crise de identidade. Acredita-se que o jovem que esteja passando de forma mais tranquila pelas questões que levam ao autoconhecimento conseguirão realizar a escolha profissional com mais tranquilidade e êxito. Neste sentido, este estudo tem por objetivo promover uma reflexão/investigação do planejamento de carreira que contemple todas as dimensões de vida, através de uma pesquisa interventiva e qualitativa, pois objetiva produzir conhecimento a partir das reflexões geradas na aplicação dos instrumentos, compreendendo a realidade vivida pelos participantes. Utilizou-se como estratégia metodológica dois estudos de caso que foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo. Foram criadas 2 categorias a posteriori, entendendo estas como as que mais estão impactando na sua escolha profissional: as vivências dolorosas com a família influenciando para a escolha profissional; dificuldades na autopercepção e na compreensão do ambiente externo. Diante das categorias evidenciadas, percebeu-se que as participantes não conseguem realizar uma escolha pautada em seus próprios desejos e competências, pois ainda se percebem indiferenciadas do núcleo familiar, e esta incapacidade de individuação/diferenciação também não permite a realização da leitura do ambiente externo, construindo projetos incompatíveis, seja com as próprias competências, seja com a realidade externa. Este estudo reforça a necessidade de práticas de promoção e prevenção da psicologia em diferentes ambientes sociais, a fim de promover o autoconhecimento em etapas determinantes para a estruturação de adultos saudáveis. Sugerem-se pesquisas sobre a escolha de carreira em outros *backgrounds* a fim de compreender como este fenômeno se manifesta em realidades sociais diferentes.

Palavras-chave: Escolha da carreira; Adolescência; Identidade.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A escolha de uma profissão é um dos processos mais complexos e longos na formação da identidade do indivíduo. As exigências em termos de estrutura psíquica e emocional para realizar esta tarefa são grandes, pois além de ter que dar conta das demandas individuais (desejos, ansiedades, capacidades e fragilidades) exige uma interação com o ambiente, e com as demandas que surgem deste. O reconhecimento deste processo como algo difícil e complexo é de fundamental importância para o bem estar psicológico e social dos indivíduos.

A escolha profissional começa a se delinear na adolescência e se estende pela fase adulto jovem. A adolescência é tida como a fase da crise de identidade, enquanto adulto jovem é a fase em que os indivíduos fazem as escolhas determinantes para toda a vida: escolha profissional, escolha de envolvimento efetivo e parentalidade. Temos, portanto, nestas duas fases, a reunião de um momento de ebulição das questões intrapsíquicas (adolescência) e de muitas exigências do ambiente externo (adulto jovem). Estas exigências internas e sociais talvez expliquem porque atualmente adolescentes e adultos jovens têm revelado um grande sofrimento psíquico, identificado pelos indicadores de transtornos mentais e pelo aumento do suicídio nestas etapas de vida.

Corroborando com essa ideia, destaca-se o estudo de Jansen, Mondin, Ores, Souza, Konradt, Pinheiro e Silva (2011) sobre a qualidade de vida de adolescentes e jovens adultos de uma cidade riograndense, em que demonstram existir uma predisposição ao desenvolvimento de depressão, ansiedade, abuso de drogas e álcool e outros comportamentos de risco à saúde durante as fases da adolescência e adulto jovem, sinalizando que no Brasil a prevalência de transtornos mentais variam de 17% a 35%, enquanto no âmbito internacional, a prevalência varia de 15,4% a 30,5%. No estudo de Waiselfizs (2011), evidenciam-se índices de suicídio entre jovens brasileiros extremamente elevados, destacando que o número de adolescentes e jovens adultos brasileiros que tiram a própria vida crescem na mesma proporção que a população do país, com aumento de 60% da taxa de suicídio entre jovens desde 1980.

Certamente um dos aspectos que oferecem alguma sustentação destes dados alarmantes em relação ao sofrimento psíquico de adolescentes e adultos jovens, é a compreensão do que ocorre nesta etapa de vida e as exigências que estão expostos atualmente. Sabe-se que a etapa da adolescência é uma das mais difíceis a ser enfrentada ao longo do ciclo de vida, isto porque é neste momento que a estrutura psíquica do indivíduo enfrenta o desligamento da infância e as dúvidas que pertencem ao ingresso do mundo adulto. A ansiedade experimentada se inicia na adolescência e se

estende para etapa do adulto jovem quando as escolhas se concretizam acompanhadas de sentimentos de fracasso ou sucesso. Acredita-se que o adolescente de hoje, experimenta níveis de ansiedade maior do que os de tempos atrás porque atualmente o mundo oferece um leque de escolhas maior do que em outros tempos, ou seja, a liberdade de escolher diferentes perspectivas de vida pode dificultar o processo de construção da identidade.

Considerando o exposto, estabeleceu-se como objetivo geral: promover uma reflexão/investigação de um planejamento de carreira que contemple todas as dimensões da vida. E como objetivos específicos: a) desencadear um processo de reflexão sobre si mesmo, sobre as suas características de personalidade, pontos fortes, pontos frágeis, ou seja, contribuir para um maior autoconhecimento; b) pensar sobre o ambiente ao nosso redor, o contexto onde estamos inseridos (cenários, tendências) e que tipos de exigências estão presentes, ou seja, como estes aspectos influenciam a vida e as escolhas, inclusive, no âmbito profissional.

A fim de oferecer compreensão da etapa da adolescência, da identidade associada a carreira e do contexto sócio-histórico que estamos inseridos, inicia-se uma breve revisão da literatura sobre esses temas.

A adolescência para Erickson e Márcia (1990, 1994 e 2002, citado em Santrock, 2014), é destacada pelo o que os autores trazem como “identidade moratória”, ou seja, o momento no qual o adolescente está vivendo a crise de identidade e explorando as opções e ponderando as alternativas significativas, mas ainda não se comprometeu de fato, com uma identidade. A maior parte dos adolescentes passa um tempo nessa fase para se descobrir e chegar na realização da identidade. Este processo de exploração de vivências, emoções, interações e papéis, constitui-se em uma vivência fundamental na formação identitária, permeada por mudanças, remodelamentos subjetivos, ressignificações de diversas ordens. O adolescente necessita reeditar sentimentos e vínculos primários em relação às figuras parentais, revisando, assim, seus objetos internos e sua identidade (Jordão e Bedin, 2008).

A angústia e confusão experimentada pelos adolescentes também se expande para os pais, pois estes, necessariamente irão se deparar com questões referentes à separação, diferenciação, finitude, alterações de lugares e papéis na dinâmica familiar, além de inevitáveis frustrações decorrentes do crescimento e das escolhas dos filhos (Jordão e Bedin, 2008). Desta forma, é nesse processo que o adolescente experimenta diferentes configurações de papéis, com mais responsabilidades, com novas regras familiares e com alteração nos limites. Quando os limites

oferecidos pela família se flexibilizam para atender as demandas da adolescência, o ambiente comunica que permite a sua independência (Pellegrini, Barreto, & Crepaldi, 2015).

Também parece importante salientar que é fundamental que, na família ocorra à projeção familiar, em que os pais ensinam os filhos através do relacionamento, a maturidade e a diferenciação. Se o processo de diferenciação ocorrer de forma saudável, o adolescente deverá alcançar autonomia e independência (Kerr&Bowen, 1988 citado em Almeida, Rabinovich& Silva, 2008). Nesse movimento, de autonomia e independência, são os pais as principais influências na vida dos adolescentes e na construção da identidade (Cooper, 2011 citado em Santrock, 2014). Caso este processo não evolua de forma satisfatória o adolescente poderá sofrer com a confusão de papéis (Erickson 1950, citado em Santrock, 2014), e, neste caso, o adolescente pode isolar-se e afastar-se dos pais e da família ou pode “perder-se” na identidade dos outros.

Acredita-se que o ensino superior pode contribuir consideravelmente no desenvolvimento da identidade, pois o indivíduo estará vivendo uma gama de experiências novas em contextos que proporcionam grandes contrastes (casa - escola). James Coté (2006, citado em Santrock, 2014), destaca que jovens que não se inserem no ensino superior, tendem a trocar mais vezes de emprego, não exatamente por estarem buscando uma identidade e uma carreira que tenha características que façam sentido, mas porque lutam para se consolidar profissionalmente numa sociedade que favorece muito o ensino superior. O entendimento deste autor, nos permite pensar que a educação superior proporciona um ambiente de exploração do autoconhecimento, e desta forma, um ambiente que corrobora com o processo de construção de identidade profissional e de desenvolvimento de uma carreira, e se converte em um fator fundamental para uma melhor qualidade de vida.

No processo de construção de uma identidade profissional e de desenvolvimento de uma carreira, se faz necessário a formação de uma visão realista, clara e apurada das qualidades, interesses e inclinações pessoais (autoconhecimento), o estabelecimento de objetivos de carreira e preferências profissionais. Neste sentido, acredita-se que o ponto de partida é a autoavaliação e o autoconhecimento para, a partir daí, desenvolver os objetivos de carreira e efetuar o plano de ação para a consecução destes objetivos (Dutra, 1996). Cabe enfatizar que a identidade profissional não pode competir ou se opor à vida pessoal, mas sim precisa estar inserida dentro dela.

2 METODOLOGIA

2.1 Delineamento: Trata-se de uma Pesquisa de Natureza Interventiva (PNI) tendo em vista que se caracteriza por articular investigação e produção de conhecimento, com ação e/ou processos interventivos (El Andaloussi, 2004; Thiollent, 2011; Tripp, 2005). Os instrumentos selecionados são definidos integralmente pelo pesquisador com base na revisão de literatura, com a intenção de delimitar limites e possibilidades daquilo que é testado ou desenvolvido na intervenção.

Caracteriza-se também por um estudo de natureza qualitativo-exploratório, pois buscou compreender a realidade vivida pelos respondentes e aprofundar a questão de como as pessoas percebem a escolha profissional a partir de suas experiências e como essa variabilidade pode ajudar a categorizar e descrever a experiência (Dey, 1993; Pheralli, 2011).

2.2 Participantes: Participaram deste estudo duas adolescentes, de 18 e 20 anos, Angélica e Joana (nomes fictícios), estudantes do ensino médio de escola pública no município de Cachoeirinha RS. A aplicação foi realizada na Faculdade Cesuca após a divulgação do projeto e a inscrição voluntária e assinatura do TCLE. A aplicação ocorreu no dia 17 de junho de 2018, das 08h30min às 11h30min. A amostra deste estudo se caracterizou por amostra de conveniência, tendo como critério de inclusão ter idade entre 15 e 20 anos, estar frequentando o ensino médio e ter a intenção de ingressar no curso superior.

2.3 Instrumentos: Após um *rapport* inicial em que foi explicada a proposta do Projeto de Vida do Estudante, foram aplicados os seguintes instrumentos, seguindo a ordem descrita abaixo:

Dinâmica de Identificação com alguma personalidade : teve o objetivo de promover a integração do grupo, bem como oferecer dados sobre as referências de modelos identitários das participantes.

História de Vida: solicitou-se aos estudantes para fazerem uma reflexão sobre os principais eventos das suas vidas e as repercussões que estes eventos geraram em termos de trajetória de vida

Análise SWOT: assinalamento de pontos fortes e fracos da personalidade do participante e das forças e fraquezas do ambiente externo (foi utilizado um vídeo com temas transversais como a tecnologia, a sustentabilidade, o trabalho em equipe, entre outros, que geram novas formas de ser/fazer profissional).

Inventários das Âncoras de Carreira (Schein, 1993).

Plano de ação: construção de um planejamento para os próximos 1 e 3 anos, descrevendo com detalhes as metas estabelecidas para o primeiro ano.

2.4. Análise dos Resultados: para a leitura dos dados obtidos foi utilizado a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977/2010). No primeiro momento foram reunidas as informações obtidas nos

instrumentos e foi elaborado um relatório técnico associando as informações obtidas em todos os instrumentos utilizados. A estruturação do relatório seguiu a orientação de categorias estabelecidas *a priori*, quais sejam: fatos importantes da história de vida, características de personalidade, percepção do ambiente externo e a relação deste com a autopercepção e planos de vida. Após a estruturação dos relatórios foi feita uma segunda definição de categorias, em que foi feita uma análise de conteúdo holística, ou seja, os conteúdos obtidos foram considerados em sua globalidade, à medida que foram explorados os significados implícitos, a partir da interpretação controlada, baseada na inferência (Bardin, 1977/2010). Foram realizadas as três etapas da Análise de Conteúdo: pré-análise, quando foram definidos os critérios de análise que foram utilizados: a codificação, em que houve a transformação do dado bruto – evidência original – em estrutura traduzida de manifestação do dado (definição das categorias *a priori*); e a agregação, quando se identificou a natureza das unidades que foram aglomeradas em torno de categorias distintas (definição das categorias *aposteriori*).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da reunião das informações obtidas pelos instrumentos de pesquisa, foram criadas 2 categorias *a posteriori*, entendendo estas como as que mais estão influenciando as participantes na sua escolha profissional. Foram selecionados fragmentos dos discursos das participantes a fim de elucidar as categorias criadas.

- Vivências dolorosas com a família influenciando a escolha profissional:

Esta categoria sustenta a ideia de que vivências marcantes na história das participantes as vinculam de uma forma excessiva às famílias, impedindo que as mesmas se diferenciem de seus núcleos familiares, e isto interfere na construção da identidade profissional.

Chama atenção no relato da história de vida da participante Angélica, o quanto elase dedica a escrever sobre o fato de ser prematura e as dificuldades enfrentadas pela mãe em sua gestação e parto, com uma riqueza de detalhes que revelam a importância emocional atribuída a estas vivências, sugerindo que o discurso da mãe sobre as experiências vividas na gestação e no parto foram incorporados por ela com carga emocional equivalente a da mãe. Parece ainda que Angélica

está presa a vivências de uma fase tão inicial da vida, apesar de já estar com 20 anos, destacado nas seguintes falas:

“Quando nasci, sofri eu e a minha mãe, ...até chegar o dia do meu nascimento minha mãe sofreu dores, inchaços e outros problemas que vieram a acometer meu nascimento de 7 meses”... “Quando foi levada a sala de parto os cirurgiões perguntaram se ela queria sobreviver ou me dar à luz sem ela sobreviver, e ela decidiu por mim” (Angélica).

Joana, outra participante, também se debruça em detalhes do início de sua vida, revelando as dificuldades enfrentadas no núcleo familiar. As vivências de Joana na primeira infância sugerem marcas afetivas que certamente impactam em seu processo de construção de identidade, tal qual apontado por Jordão (2008):

“Até meus 6 anos eu tinha dois pais e duas mães, então meu pai biológico parou de me procurar, ...quando eu tinha 9 anos, minha mãe biológica foi morar na Itália, três anos depois ela veio me visitar, foi quando falei que pararia de chama-la de mãe porque não a via mais desta forma”... “Os acontecimentos que mais marcaram minha vida foi quando eu fui legalmente adotada aos 12 anos” (Joana).

Outros conteúdos sugerem em ambas participantes a dificuldade de se perceberem aceitas e bem vindas, seja na família seja em outros ambientes sociais. Certamente as questões identitárias possuem sua origem nas vivências relacionadas aos vínculos primários, em que são os pais as principais influências na vida dos adolescentes e na construção da identidade (Cooper, 2011 citado em Santrock, 2014).

“Quando me pegou no colo, não consegui me enxergar, enxergou o rosto da minha avó, mãe do meu pai”... “Não consegui me reconhecer, pediu auxílio da enfermeira” (Angélica).

“Meu segundo nome foi dado pela minha avó, e o meu primeiro nome pela irmã dela (tia materna) ...passei por diversas creches e lugares que ajudavam a minha mãe a me cuidar, pois ela era mãe solteira e sem algum norte”(Joana).

Observa-se o quanto às escolhas de carreira e de vida ainda estão presas na relação com a família, o que denuncia que o processo de diferenciação e individuação não ocorreu, ao contrário, percebe-se nas participantes uma dependência emocional que as impedem de planejar a própria vida

de forme independente (Kerr&Bowen, 1988 citado em Almeida, Rabinovich& Silva, 2008). Nos trechos em que as participantes falam sobre seus planos de via, pode-se identificar o que os autores apontam:

“Fazer meus pais felizes, porque eles são meu tudo e eu quero dar o melhor para eles” (Joana).

“Ter uma família grande para nunca me sentir só ...Acredito que famílias maiores são mais acolhedoras”...“Ter uma boa estabilidade de vida para mim e para a minha mãe”e “dar orgulho a minha família” (Angélica).

Chama atenção o quanto as vivências nas relações primárias com membros das famílias podem ter se expandido para outros ambientes sociais, contaminando as relações destes ambientes e reforçando as questões negativas associadas a identidade das participantes deste estudo.As falas *“na escola eu era um pouco excluída, só fui criar vínculo no último ano, onde saímos a maioria juntos”* (Joana) e *“na escola as crianças começaram a pegar no meu pé porque eu não tinha pai, ai que eu comecei com a minha rebeldia”* (Angélica), revelam o quanto o ambiente escolar foi contaminado por suas histórias familiares e que reagiram como reforçadores de aspectos negativos associados as identidades das participantes.

- Dificuldades na autopercepção e na compreensão do ambiente externo

Observa-se muita dificuldade nas participantes para se perceberem e também para perceber e compreender o ambiente em que estão inseridas. No que diz respeito a autopercepção, observou-se que as participantes destacam como aspectos favoráveis de sua personalidade algo que, em outro momento, apresentam como fragilidade.

A participante Angélica apresentou como ponto forte de sua personalidade *“força de vontade em querer atingir objetivos”* e como ponto frágil *“medo de não ter foco o suficiente para lidar com problemas”, “perda de pessoas que sempre estiveram juntas”, “preguiça de começar”*. Parece claro que os fatores que ela apresenta como fragilidades anulam a possibilidade dela se perceber como alguém com força de vontade para atingir os seus objetivos.

A participante Joana aponta como ponto forte *“sua capacidade de interagir com as pessoas”*, e assinala como ponto frágil de sua personalidade *“gostar de estar com as pessoas, mas*

nem sempre conseguir manter o foco na relação”, em outro momento Joana refere que “aprendeu que se deve batalhar pelo que se quer, mas também que certas batalhas não valem todo o meu esforço e cansaço”. Observa-se no discurso de Joana a presença de ambivalência, que não permite sentir clareza em seus posicionamentos diante da vida.

Na análise do ambiente externo Angélica, apontou *“os pais terem recursos para impulsionar sua carreira”, e “não passar no vestibular e não atingir os seus objetivos”,* assim como Joana referiu como força do ambiente externo *“a promessa do pai e pagar um curso preparatório do Enem”* e como fragilidade do ambiente externo, a *“dificuldade de horário para conciliar trabalho com estudos”*. No depoimento de ambas participantes fica muito claro a não compreensão do que se trata o ambiente externo.

Quando as participantes tentam delinear um plano de vida que tente conciliar as diferentes dimensões da vida, fica ainda mais evidenciado as falhas de percepção e compreensão de si e do mundo. Apresentam planos que se tornam insustentáveis ou incompatíveis como: *“cursar duas faculdades (veterinária e biomedicina), ...viajar pelo mundo, ... ter uma própria franquia de produtos para pets”,* fragmentos de discurso pertencentes a Angélica, e *“viajar para conhecer o mundo”, “ser comissária de bordo”, “passar no Enem e cursar Psicologia”, “morar sozinha”, “ter estabilidade profissional”,* fragmentos de discurso presentes nos materiais de Joana.

Nestes fragmentos de depoimentos evidenciam-se a imaturidade emocional das participantes, que além de não conseguirem se perceber com clareza, também possuem muitas dificuldades na compreensão de vida e de ambiente (Dutra, 1996), o que oferece para elas planos poucos sustentados e permeados mais pelo princípio do prazer do que pelo princípio da realidade, e que, provavelmente pela sua inconsistência, não será passível de realização, gerando mais frustrações nas participantes e reforçando suas percepções negativas a respeito de si. Acredita-se que as participantes ainda se encontram numa fase de moratória, ou seja, ainda precisam explorar opções e passar por experiências que lhes ofereçam significados, a fim de sustentar suas identidades (Erickson e Márcia, 1990, 1994 e 2002 citado em Santrock, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo promover uma reflexão/ investigação de um planejamento de carreira que contemple todas as dimensões da vida. Pode-se observar a partir das categorias que se constituíram que as jovens participantes estão distantes de conseguir realizar um planejamento de carreira equilibrando as diferentes dimensões do indivíduo, pois esbarram na primeira questão que subsidiaria esta capacidade: possuir clareza no seu processo de construção de identidade.

Percebeu-se que a confusão de identidade está muito associada as suas experiências de vida, principalmente nas vivências familiares. Neste sentido, foram definidas duas categorias que sustentam o entendimento de que as participantes ainda não conseguem realizar uma escolha pautada em seus próprios desejos e competências, pois ainda se percebem indiferenciadas do núcleo familiar, e esta incapacidade de individuação/diferenciação também não permite a realização da leitura do ambiente externo, construindo projetos incompatíveis, seja com as próprias competências seja com a realidade externa.

Este estudo reforça a necessidade de práticas de promoção e prevenção da psicologia em diferentes ambientes sociais, a fim de promover o autoconhecimento em etapas determinantes para a estruturação de adultos saudáveis. Sugerem-se pesquisas sobre a escolha de carreira que ampliem o foco de análise para outros backgrounds a fim de compreender como este fenômeno se manifesta em realidades sociais diferentes.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 (Trabalho original publicado em 1977).

De Almeida M. E. M., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2008). *Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso*. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.

Dey, I. (1993). *Qualitative data analysis: A user-friendly guide for social scientists*. Londres: Routledge.

Dutra, J. S. (1996). *Administração de Carreira: uma proposta para repensar a gestão de pessoas*. Atlas.

El Andaloussi, K. (2004) *Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia*. São Carlos: Edufscar.

Jansen, K., Mondin, T. C., Ores, L. D. C., Souza, L. D. D. M., Konradt, C. E., Pinheiro, R. T., & Silva, R. A. D. (2011). *Transtornos mentais comuns e qualidade de vida em jovens: uma amostra populacional de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil*. *Cadernos de Saúde Pública*, 27, 440-448.

Jordão, Aline Bedin. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*.

Pellegrini, P. G., Silva, I. M. D., Barreto, M., & Crepaldi, M. A. (2015). *Diferenciação do adulto jovem: um estudo de caso em atendimento familiar*. *Pensando famílias*, 19(1), 114-129.

Pherali, T. J. (2011) *Phenomenography as a research strategy. Researching Environmental Conceptions*. Germany: Lambert Academic Publishing.

Santrock, J. W. (2014). *Adolescência*. AMGH Editora.

Schein, E. (1993) *Career anchors: discovering your real values*. Revised Edition. San Diego: Pfeiffer & Company.

Tripp, D. (2005) *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo.

Thiollent, M. (2011) *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez.

Waiselfisz, J. J. (2012). Mapa da violência 2012.